



XI Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade" São Cristóvão/SE/Brasil 21 a 23 de Setembro de 2017 ISSN: 1982-3657



Recebido em:
06/07/2017
Aprovado em:
06/07/2017
Editor Respo.:
Veleida Anahi
Bernard Charlort
Método de
Avaliação: Double
Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

PRATICAS DE ENSINO DO ORAL ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL

NARA DA SILVA E SILVA

EIXO: 21. MESTRADO PROFISSIONAL, PESQUISA APLICADA NO ENSINO E NA SALA DE AULA

Eixo temático: Mestrado Profissional, Pesquisa Aplicada no Ensino e na Sala de Aula

Resumo

O presente trabalho pretende expor um recorte da Dissertação de Mestrado, em andamento, do curso do PROFLETRAS, UNEB – Campus V, que propõe estratégias pedagógicas a serem desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa, com o objetivo de estimular o posicionamento do aluno, por meio da modalidade oral da língua, além de incentivar a interpretação de textos literários, considerando a Literatura de Cordel. Neste sentido, nos apoiamos em Fiorindo (2012), e Evaristo (2000), Marcuschi (2007), Fávero et al. (2000) e Castilho (2004), Hall (2011) entre outros. Assim, a proposta dialoga com a realidade do aluno, através de cordéis inerentes a sua cultura, facilitando o processo de aprendizagem, visando o bom desempenho da comunicação oral no processo ensino/aprendizagem.

Palavras chave: Oralidade. Literatura de Cordel. Prática Pedagógica

Abstract

The present work intends to present a section of the Master's Dissertation, in progress, of the PROFLETRAS course, UNEB - Campus V, which proposes pedagogical strategies to be developed in the Portuguese Language classes, with the purpose of stimulating the student's positioning through of the oral modality of the language, besides encouraging the interpretation of literary texts, considering Cordel Literature. In this sense, we support ourselves in and Fiorindo (2012), Evaristo (2000), Marcuschi (2007), Fávero et al. (2000), Castilho (2004) and Hall (2011) among others. Thus, the proposal dialogues with the reality of the student, through the inherent 'cordéis' of their culture, facilitating the learning process, aiming at the good performance of oral communication in the teaching / learning process.

Keywords: Orality. Cordel Literature. Pedagogical practice

Introdução

Uma prática pedagógica voltada para atender às necessidades do aluno, que está cada vez mais envolvido com múltiplas linguagens se torna imprescindível. Deste modo, a Literatura de Cordel configura-se como uma possibilidade de atender a este público uma vez que suas funções são inúmeras, primordialmente, a prática da oralidade, também por permitir nos transportar para "outro mundo", nos proporcionando descobrir significados, além de despertar o imaginário, a criatividade e, sobretudo, o senso crítico.

Sendo assim, o cordel é um texto literário que merece evidência, que faz parte da tradição oral de um povo. Na medida em que ele é transmitido, percebemos, nos enredos dos cordéis, elementos individuais e coletivos construídos a partir da vivência sociocultural de um povo, deixando assim marcas identitárias, regional e local. Além destas características não podemos deixar de evidenciar que é um gênero misto uma vez que apresenta as relações entre o oral e o escrito, oportunizando o desenvolvimento de atividades orais na escola.

As atividades que estimulam a oralidade, em sala de aula, não são simples, algumas vezes acontece como suporte à atividade escrita, sendo esta o foco principal da atividade, soma-se a isso a carência de material específico para auxílio do professor. O que evidenciamos com esta realidade é uma incoerência entre o que é ensinado e a necessidade e interesse que o educando apresenta, isto é, perceptível pela falta de atividades que desenvolvam a comunicação oral e tarefas que não dialogam com a realidade do aluno.

O processo de construção deste trabalho perpassa pelo desenvolvimento de atividades que exercitem a modalidade oral da língua através do uso do cordel, isto, pois percebemos que durante a aula muitos alunos não participam, ficam em silêncio, apenas interagem forçosamente se a atividade desenvolvida for atrelada a uma nota avaliativa. Os poucos que participam apresentam dificuldade em se expressar oralmente, com frases soltas, incoerentes e desconexas, sem fluência, tom de voz inadequado, sem postura, sem planejamento prévio, com repetições, segmentações, enfim características da oralidade prototípica, que se organiza no local em que se fala, porém estas marcas não devem ser consideradas negativas, pois fazem parte da organização do texto falado (MARCUSCHI, 2006).

Neste sentido, podemos, através do trabalho com cordel, que dissemina a realidade local e regional de modo oral e escrito, realizar um diálogo com a realidade do aluno nordestino que se concretizará através da produção da Literatura de Cordel. Isto contribui para o desenvolvimento de uma ação de cunho transformador para o aluno, que pode através da criatividade, descontração e observação registrar seus anseios e a própria realidade de modo a ressignificá-la.

Nesta direção apresentaremos a Proposta de Intervenção “Produção de cordéis na escola: criatividade, pertencimento e oralidade”, que será desenvolvida no 7º ano de uma Escola Municipal de Feira de Santana – Bahia. Tendo em vista nosso objetivo, iniciamos tratando da Literatura de Cordel, que tem por prioridade as práticas de oralidade da narrativa poética, construída para expressar o cotidiano de um povo.

1 Literatura de Cordel

Dentre as formas de comunicação, a Literatura constitui-se como uma ampliação da possibilidade de apresentação e conhecimento do mundo por meio do texto, demarcada de forma pontual em um espaço temporal específico, como um organismo vivo, envolto em valores, ideologias, razões e emoções, as quais vão ser construídas e desconstruídas pelo leitor no momento da apropriação do texto por meio da leitura.

O Cordel, uma vertente da Literatura, constitui-se de extrema significância para o povo brasileiro enquanto manifestação artístico-cultural que aborda as questões no âmbito econômico, social, religioso, histórico e científico, embasada nas expressões de oralidade do povo.

A partir da expansão europeia no Brasil, com indícios para a primeira metade do século XVI, a Literatura de Cordel passou a se constituir parte integrante de um acervo das mais variadas formas de riqueza cultural, nesse caso literária, existentes no nordeste brasileiro, local inicial da colonização portuguesa, que tem se mostrado como um nascedouro para essa expressão da literatura popular, conforme observamos nas palavras de Barroso (2006):

Penso que o hábito de decorar histórias, dos cantos de trabalho, as cantigas de embalar e toda sorte de narrativas orais trazidas pelos colonizadores vão sedimentando, na cultura brasileira, o costume de cantar e contar histórias, de guardar na memória os acontecimentos da vida cotidiana. Assim, pouco a pouco, foi se desenvolvendo junto ao homem brasileiro, mais especificamente na região Nordeste, onde se deu o início da colonização, uma poesia oral com características muito peculiares (BARROSO, 2006, p. 22).

No Brasil, o auge da Literatura de Cordel aconteceu na década de 1930. Segundo Galvão (2001), nessa época ocorreu a montagem das “redes de produção e distribuição dos folhetos, centenas de títulos foram publicados, um público foi constituído e o editor deixou de ser exclusivamente o poeta”. Neste período o cordel apresentava a função social de promover lazer e informação, compartilhando os fatos e socializando as pessoas que se reuniam para ouvi-lo.

A partir de 1950, o processo de grande migração de nordestinos para o Centro-Sul, propagou a literatura de cordel nessa região, facilitando a comercialização de folhetos no local. Após um período considerado de crise, que durou dez anos para essa manifestação cultural, na década de 1970, o Cordel retomou seu valor galgando a grande transformação de alcançar um público mais letrado.

Há de se considerar que na gênese de disseminação do cordel no Brasil, a maior parte dos cordelistas do início do século XX nasceu na zona rural e teve pouca ou nenhuma instrução formal. Esse paradigma foi modificado com o tempo, e segundo Teixeira (2008) os cordelistas contemporâneos, assim como os consumidores de cordel hoje, tem maior acesso à cultura letrada. A maioria deles possui conhecimentos nas mais variadas áreas e escrevem sobre diversos assuntos com categoria.

Ressaltamos que, de igual modo, tem acontecido com os folhetos que antes só eram vendidos em feiras pelo próprio cordelista, e agora passaram a ter maior distribuição pelas editoras, com grande espaço em livrarias e lojas de artesanato.

Linhares (2009) reflete que por toda linha histórica e de desenvolvimento da Literatura de Cordel, houve previsões pragmáticas e de dúvida sobre sua estabilidade em pleno século XXI. Dessa forma, pensou-se que não resistiria em meio à era tecnológica, mas contrariando até mesmo os mais pessimistas, o cordel e os cordelistas evoluíram junto com a aplicação dos conhecimentos científicos a serviço dos antigos folhetos, cordelistas, anteriormente, semianalfabetos hoje, já são doutores, e as fronteiras do preconceito com essa arte, muitas vezes classificada com “subliteratura” ou literatura de incultos rompeu-se, se difundindo e passando a ser respeitada, apreciada e vista como rica e original, entre todas as camadas de leitores, tornando-se inclusive, alvo de estudiosos. Ainda conforme a autora:

A literatura de cordel continua um expressivo meio de comunicação neste século XXI, apesar da morte, tantas vezes anunciada, ao longo dos tempos. Felizmente, enquanto expressão cultural, permanece, adaptada, reinventada, no desempenho de suas funções sociais. Informar, formar, divertir, socializar ou poetizar, conforme os diferentes temas que retrata e o enfoque abordado. Da oralidade, lá em suas origens remotas, à era tecnológica, hoje, é real a transformação e adaptação, compatível à própria evolução da humanidade (LINHARES, 2009).

A Literatura de Cordel é considerada um patrimônio da cultura nordestina, considerando que ela proporciona o resgate histórico da cultura tradicional, através da permanência em recontar histórias, passando-as de gerações para gerações. Além disso, ela pode ser relacionada com a preservação da memória e com os registros das realizações humanas. Portanto, a referida literatura se constitui como um espaço de compartilhamento de vivências, que envolve a fé e a devoção do povo nordestino, possibilitando a investigação dos mais diversos processos culturais, contendo em sua gênese aspectos materiais, além dos imateriais – como a sua ideologia.

Quanto à estrutura do Cordel, Evaristo (2011) ressalta a preferência dos poetas por sextilhas, mas podendo encontrar quadras, setilhas e até decassílabos. Integrando também a estrutura composicional do cordel, temos a narrativa poética em que há a presença de um enredo por meio do poema, temos a seguinte disposição: a) situação inicial de equilíbrio; b) desestabilização da situação; c) constatação do desequilíbrio; d) tentativa de resgate do equilíbrio; e por último, e) retorno ao equilíbrio (EVARISTO, 2011, p. 124).

Mesmo concebendo a narrativa integrada ao poema, não é simples conceitualizá-la, até os próprios estudiosos apresentam um gama de possibilidades para se referir ao termo. Reis e Lopes (1988, p. 66), por exemplo, apresentam diversos sentidos para narrativa, como “enunciado”, também “conjunto de conteúdos representados por esse enunciado”, como “ato de relatar”, ou como “modo”, que pode ser lírico, narrativo e dramático.

Ainda segundo os autores há três aspectos que prevalecem na narrativa: o distanciamento do narrador referente ao que conta, a alteridade, consequentemente estabelecida a partir da relação do narrador com o que se relata, e a exteriorização incumbida em destacar os elementos da narrativa como tempo, espaço, personagens e motivar a imparcialidade do narrador frente a estes elementos.

Paralelamente à concepção de Reis e Lopes, Fiorindo apresenta algumas características referentes à narrativa, conforme observamos:

constatamos algumas peculiaridades inerentes ao discurso narrativo, tais como a presença da a presença da subjetividade, da ideologia, da imitação e da busca ao *self*. Assim, toda narrativa, oral ou escrita, é subjetiva e ideológica, pois os fatos narrados podem constituir valorizações conscientes ou inconscientes; uma narrativa de final feliz e outra que termina em morte do herói abrem perspectivas diferentes sobre a existência humana (FIORINDO, 2012, p. 2).

Além disso, a autora, também, destaca a importância da narrativa associando-a vivência e história de um povo ao afirmar que “não podemos ignorar o poder da narrativa e sua importância em todas as culturas, que pela diversidade das suas formas e funções, às vezes, sagradas não podem ser estudadas dissociadas da experiência humana” (FIORINDO 2005, p. 17). Desta maneira, a narrativa simboliza uma história que pode ser baseada na experiência própria do sujeito, assim como da sua comunidade, ao transmitir saberes e convicções.

2 Oralidade: processo de interação verbal

Entendemos que é de suma necessidade a pesquisa, a análise e o estudo referente à oralidade na interação verbal, seja no âmbito pessoal, seja no profissional, desta forma torna-se limitado e incoerente classificar a oralidade privilegiando a espontaneidade, o descuido, a carência de planejamento, e até o desleixo quanto às normas da língua padrão, é necessário rever estes rótulos e considerar há regras necessárias para uma oralidade eficiente, assim como para a escrita.

Segundo Marcuschi (2007) a oralidade se refere a todas as atividades verbalizadas diariamente, portanto o uso da língua oral é uma atividade social que estamos em contato habitualmente. A oralidade é “uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso” (MARCUSCHI 2007, p. 25). Assim, vemos a necessidade do trabalho com a oralidade em sala de aula, para que seja também analisada em seus pontos comuns e distintos com a escrita.

De acordo com Fávero *et al* (2000, p.9) “a escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto”. Mesmo com esta diferenciação entre as modalidades não é correto afirmar que uma é mais importante que a outra, afinal as duas são utilizadas diariamente, correspondendo a diversas situações comunicativas.

O importante é “mostrar que há diferentes níveis de fala e escrita, isto é, diferentes níveis de uso da língua, e que a noção de dialeto padrão uniforme é teórica, já que isso não ocorre na prática” (FAVERO *et al*, 2000, p. 115). Então, torna-se signficante na prática de ensino/aprendizagem da língua desviar o olhar para um trabalho interativo no que tange o processo da oralidade e escrita com o intuito de constituir analogias nas diferenças e semelhanças apontando, assim, para as influências exercidas entre ambas.

Fiorindo (2012) apresenta uma abordagem sobre a oralidade, afirmando que esta antecede a escrita e que se faz presente em vários fenômenos estabelecidos através da linguagem. A autora, ainda, ressalta que desconsiderar o contexto do educando na escola é consequência da valorização da língua escrita pelo ensino tradicional, que prioriza regras e normas gramaticais. A linguista, ainda, expõe alguns estudos que investigam a diversidade linguística no nosso país, evidenciando a variação da modalidade oral da língua e destaca Castilho (2004), que propõe uma mudança no ensino da Língua Portuguesa, em que se daria espaço para refletir sobre a língua falada. Paralelamente, a partir dos estudos mencionados, verificamos o “preconceito linguístico”, ratificado pelo desprestígio de qualquer uso da língua que foge da norma culta padrão

As pesquisas recentes afirmam que os processos de compreensão desenvolvidos na oralidade são os mesmos da escrita, pois, em ambas as modalidades, as suas formas de manifestação textual são normatizadas. Sendo assim, é notável a importância das práticas pedagógicas voltadas para oralidade, em sala de aula – tais como rodas de histórias orais desenvolvidas na interação aluno/professor e aluno/aluno; textos encenados; poemas recitados; práticas conversacionais espontâneas a partir de um tema sorteado, entre outras atividades; independente do grau de escolaridade (FIORINDO, 2012, p. 5).

Observamos que, em sala de aula, ambiente comunicativo, se faz necessário o professor buscar desenvolver atividades que estimulem a oralidade do aluno, tornando-os capazes de interagir através do uso da língua materna na sociedade em que atua. É com a língua que as pessoas adquirem os outros conhecimentos úteis para serem socialmente funcionais. Vários processos culturais influenciam a língua, assim como esta influencia nosso comportamento dentro de um determinado grupo e vice-versa. Assim, compreendemos que a língua é um elemento cultural da sociedade:

Diante do exposto é possível assegurar que dos elementos da linguagem as duas modalidades da língua, tanto a oral quanto a escrita, são apontadas como práticas sociais, quando o estudo das línguas é demarcado em usos. E, mesmo pautando-se na existência humana de compreender “o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve” (MARCUSCHI, 2007, p. 17) não se pode privilegiar a oralidade em função da escrita, nem conceber que esta última é originária da fala. Cada uma tem suas características e são práticas importantes da língua.

Segundo o linguista, enquanto realização da oralidade, a aquisição da fala acontece naturalmente em contextos informais do cotidiano e nas relações sociais estabelecidas a partir do momento em que a criança tem seus primeiros contatos com a mãe. O conhecimento e a prática da língua natural são uma maneira de inserir culturalmente e socializar seu conhecimento.

No entanto, a escrita pode ser considerada como a manifestação formal do letramento. A aquisição desta acontece em conjunturas formais, especialmente no âmbito escolar, e se apresenta em caráter de maior prestígio como bem cultural desejável. Apesar de estudos, é inegável a prioridade voltada para a língua escrita no ensino da língua materna, isto fica nítido em Fávero et al (2000, p. 8) quando estes declaram:

Esses estudos, porém, não resultaram em comparação entre fala e escrita, acentuando a especificidade de cada uma, mas a primeira é vista como a primária e a segunda, como dela derivada. É assim que encontramos em autores deste século, [...].

Também nossas gramáticas tratam as relações entre fala e escrita tendo como parâmetro a língua escrita. Esse fato tem gerado uma postura polarizada e, por vezes, preconceituosa. Segundo Marcuschi (1993:63), “os gramáticos imaginam a fala como o lugar do erro, incorrendo no equívoco de confundir a língua com a gramática codificada”.

Pelo viés de Marcuschi (2007) a oralidade se configura na heterogeneidade de gêneros, sendo que a apropriação de tais gêneros se insere na capacidade de interação do falante de modo individual. Essa competência possibilita uma infinidade de práticas da fala que serão impostas ao falante durante toda a sua vida.

Podemos afirmar, então, que há uma distinção no uso da língua escrita e da língua falada, porém, é preciso ressaltar que ambas possuem o seu valor, com suas especificidades e sem oposição como baliza Walter Ong:

A oralidade não é um ideal, e nunca foi. Abordá-la positivamente não é defendê-la como um estado permanente para qualquer cultura. A cultura escrita abre possibilidades à palavra e à existência humana de uma forma inimaginável sem a escrita. As culturas orais atualmente valorizam suas tradições orais e se angustiam diante da perda dessas tradições, mas nunca encontrei ou ouvi falar de uma cultura oral que não queira atingir a cultura escrita tão logo quanto possível. (Alguns indivíduos, é claro, resistem à cultura escrita, mas são em número cada vez menor.) No entanto, a oralidade não deve ser menosprezada. Ela é capaz de produzir criações que estão fora do alcance dos que

pertencem à cultura escrita, por exemplo, a *Odisséia*. Tampouco a oralidade pode ser completamente erradicada: ler um texto o oraliza. Tanto a oralidade quanto o desenvolvimento da cultura escrita baseado nela são necessários à evolução da consciência. (ONG, 1998, p. 195)

Assinalando também os valores da fala e da escrita Marcuschi (2007) pontua,

Tanto a fala como a escrita refletem formas de organização da mente através das próprias representações mentais. Podemos observar que a construção de categorias para a reflexão teórica ou para a classificação são tanto um reflexo da linguagem como se refletem na linguagem. Seria útil ter presente, desde logo, que, assim como a fala não apresenta propriedade intrínsecas negativas, também a escrita não tem propriedades intrínsecas privilegiadas. São modos de representação cognitiva e social que se revelam em praticas específicas. (MARCUSCHI, 1997, p134)

Assim sendo, tanto a modalidade escrita como a modalidade oral merecem respeito e devem ter igualmente valor e espaço em que se realizam, para evitar que a escola ou qualquer meio seja ambiente de reprodução da intolerância e preconceito. Até porque ambas as modalidades constituem-se como processo de comunicação e se configuram em suas particularidades.

Assegurando a tese de que fala e escrita possuem suas especificidades o autor defende que ainda assim há pontos em comum entre as modalidades, defendendo como já citamos o *continuum* tipológico “As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das praticas sócias de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos.” (MARCUSCHI, 1997, p. 136) Observamos, desse modo, que há pontos de intersecção entre as duas representações da língua, da fala e da escrita, de modo que variam nos seus planos.

Neste viés, o cordel representa a impossibilidade desta dicotomização, uma vez que suscita as relações entre o oral e o escrito. É, portanto, um gênero híbrido, oral quando recitado ou cantado, e escrito, constituindo uma materialidade impressa, ao ser vendido ou exposto. O termo híbrido é mencionado por Marcuschi (2002) ao se referir aos gêneros do discurso e usos da linguagem, evidenciando a dinamicidade do gênero.

Logo, a oralidade e a escrita são estágios e modos de uso da língua com singularidades e exibem distintas possibilidades de produção. Os modos de uso da língua são dignos de um olhar significativo por parte dos estudiosos e também profissionais da área de educação, por serem responsáveis pela variação linguística em todas as suas possibilidades. Isto facilita a adequação ao uso dessas modalidades e não o oposto. (FÁVERO *et al*, 2000)

Nesta condição podemos afirmar que oralidade e escrita são exercícios e modos da língua com pontos distintos quanto às suas práticas, todavia não o bastante opostas para distinguir dois sistemas linguísticos. As duas modalidades permitem a criação de textos coesos e coerentes mediados através de uma prática pedagógica alicerçada em orientações curriculares e ações docentes diferenciadas que permitam a formação de cidadãos críticos, atuantes e produtores do conhecimento.

3 Pertencimento e identidade, elementos que se cruzam

O tema pertencimento tem origem em áreas disciplinares como a antropologia e a política, fazendo-se cada vez mais presente em outras áreas como a da comunicação.

De acordo com Sousa (2010) o pertencimento se traduz de forma visível, em sentidos e motivações diversos dos de suas raízes, sustentando a busca de participação em grupos, tribos e comunidades que possibilitem enraizamento e gerem identidade e referência social, ainda que em territórios diversificados como política, da religião, do entretenimento e da cultura do corpo.

A respeito do tema, Sá (2005, p. 247), descreve:

A ideologia individualista da cultura industrial capitalista moderna construiu uma representação da pessoa humana como um ser mecânico, desenraizado e desligado de seu contexto, que desconhece as relações que o tornam humano e ignora tudo o que não esteja direta e imediatamente vinculado ao seu próprio interesse e bem-estar. (...) Diz-se, então que os humanos perderam a capacidade de pertencimento.

Neste contexto, o sentimento de pertencimento está relacionado com a capacidade do ser humano de sentir-se incluído e pertencente ao meio, fixando-o a um território físico ou ideológico, enraizando-o. Este enraizamento promove a construção da identidade e a noção de referência social à qual o homem está vinculado, despertando a sensibilidade e a reflexão sobre o que realmente deve valorizar na vida e possibilitando o ato de pensar e agir em comunidade.

Além do exposto, observamos duas possibilidades existentes de conceitos para o sentimento de pertencimento:

A priori esse conceito – pertencimento –pode nos remeter a, pelo menos, duas possibilidades: uma vinculada ao sentimento por um espaço territorial, ligada, portanto, a uma realidade política, étnica, social e econômica, também conhecida como enraizamento; e outra, compreendida a partir do sentimento de inserção do sujeito sentir-se integrado a um todo maior, numa dimensão não apenas concreta, mas também abstrata e subjetiva (LESTINGE, 2004, p. 40).

Portanto, o sentimento de pertencimento resulta na libertação das pessoas, no momento em que o indivíduo ao se enraizar, forma-se como um ser, nutre-se do que há naquele território objetivo ou subjetivo, criando a sua identidade. Deste modo, Moricone (2014) pontua que, com uma identidade firme e consistente, o indivíduo poderá passar pelo desenraizamento, podendo ir para qualquer lugar que seus princípios sempre estarão presentes, seus referenciais serão claros e sua essência consistente, libertando-o. Como se fosse um movimento, uma práxis da identidade.

Nesta perspectiva, reiteramos a intrínseca relação estabelecida entre o sentimento de pertencimento e a constituição da identidade. A construção da identidade é conceito fundamental neste trabalho, pois se a literatura de cordel é o fio condutor, a identidade vem a ser conceito fundamental dentro de todo esse processo. A esse respeito, Jorge (2009, p. 240) afirma que a identidade é o “resultado de um trabalho permanente de renovável construção social e política, mas também geográfica, que leva em conta a extrema mobilidade dos agentes sociais”.

Já Hall (2011) para tratar de identidade parte de três concepções, das quais a que mais nos interessa para a discussão é a concepção de sujeito pós-moderno, pois ela supera as concepções de identidade do sujeito do iluminismo e do sociológico, uma vez que uma identidade fixa não mais dá conta de explicar a composição identitária do sujeito, nem a formação na interação com outros sujeitos da sociedade consegue abarcar todo o significado de identificação do ser humano.

A identidade é, portanto, uma construção histórica que passa por transformações e traduz formas e modos de viver num constante movimento. Assim, “a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, *apud* HALL 1987, p. 13.). Aqui não se pode pensar mais em um sujeito unificado e delimitado, que ao longo da vida permanece com as mesmas marcas. Mas sim pensar que esse sujeito “assume identidades diferentes em diferentes momentos”. (HALL, 2011 p. 13)

Lestinge (2004, p. 5) acredita que os sentimentos de pertencimento e identidade são despertados no ambiente escolar através do estudo do meio, pois é um espaço de vivência que permitirá “aprofundar conhecimentos e se rever atitudes, conceitos, valores éticos e estéticos”. Para a autora, a prática de estudos do meio confirmará e contribuirá para a construção de sociedades futuras, pois os envolvidos se sentirão pertencentes e inseridos num contexto socioeconômico e cultural, de modo a recuperar a dignidade humana e a qualidade de vida, como veremos a seguir.

4 PROPOSTA PEDAGÓGICA

Através da inserção da abordagem oral nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua portuguesa, muito se tem discutido como trabalhar a oralidade nas salas de aula. Isto porque não é papel da escola ensinar o aluno falar, visto que ele já é um falante da língua. O que se deve fazer então? Por este viés, então, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1998) deixam claro que o ensino de Língua tem a finalidade de envolver um processo reflexivo sobre o contexto social, político e econômico.

Destarte, é ressaltado pelo PCN que se trabalhe os textos dos gêneros orais e/ou escritos de modo que os sujeitos possam de comunicar efetivamente em sociedade, participando ativamente dos grupos sociais que estão inseridos. Para tanto, é orientado ao professor

Utilizar-se da linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender as múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso (PCN, 1999, p. 33).

Deste modo, alicerçadas em documentos curriculares e teóricos apresentamos, a seguir, as etapas da proposta “Produção de cordéis na escola: criatividade, pertencimento e oralidade”, integrante da dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – Campus V, da Universidade do estado da Bahia - UNEB, refletindo sobre a importância da sua aplicabilidade.

Nesta perspectiva, a proposta visa trabalhar com a oralidade a partir do gênero cordel e será aplicada aos alunos do Ensino Fundamental II do 7º ano. Pretendemos a partir das histórias presentes nos cordéis, estimular a comunicação na modalidade oral da língua. A seguir, as etapas da proposta de intervenção:

Etapas I – Sensibilização poética. Tem por objetivo sensibilizar os alunos com música típica da região Nordeste, por meio da abordagem das rimas.

Etapas II – Prosa, poesia e prosa poética. Esta etapa objetiva (re) conhecer e diferenciar prosa, poesia e prosa poética.

Etapas III – Cordelista local: práticas de oralidade. Tem por objetivo estimular a leitura de cordéis e a interação com o artista local.

Etapas VI – Visita ao Museu Casa do Sertão. A finalidade desta etapa é conhecer o Museu Casa do Sertão que dispõe de um rico acervo da cultura regional e popular.

Etapas IV – Oficina de cordéis. Esta etapa é constituída por quatro estágios, como segue:

Estágio I– Introdução ao cordel. Visa discutir sobre a realidade local e regional a partir de textos de cordel.

Estágio II- Cordéis em paráfrases. Almeja discutir sobre a realidade de Feira de Santana e região Nordeste, recriando, através de paráfrases, cordéis do próprio município.

Estágio III- Produção de Isogravura. Intenciona estimular a criação de xilogravuras estilizadas - isogravuras a partir da apreciação de xilogravuras impressas

Estágio IV- Produção de cordéis autorais. A finalidade é produzir cordéis.

Etapas V –Sarau em cena: cordéis na escola. Visamos expor as produções criadas pelos alunos à comunidade escolar

e externa, por meio de um sarau, em que haverá recitação de poemas, encenação e diálogos.

Conclusão

As práticas de ensino que levem o aluno a perceber os diferentes sentidos e uso da língua, tornando-se um falante proficiente é algo imperativo. Portanto, as atividades desenvolvidas em sala precisam ser significativas para o aluno, devem possibilitar a integração com a realidade em que ele vive, as relações com o outro e com os diversos saberes.

Assim, a utilização da Literatura de Cordel deve ser colocada em evidência, nas aulas, com o objetivo de criar um espaço no qual sejam realizadas diferentes leituras e construções de sentido, motivando o desenvolvimento de habilidades orais, das atividades leitoras dos alunos e persuadindo-os à ampliação do seu poder crítico de compreensão.

Portanto, compreendemos o Cordel como gênero a ser trabalhado em sala de aula, como prática social da linguagem, em que viabiliza o trabalho com a modalidade oral da língua, além de permitir ao docente conhecer sua cultura e se mostrar construtor da mesma, à medida que trazem consigo saberes e vivências ligados a aspectos regionais e locais que são evidenciados nessa produção a partir do ato criativo.

Referencias

BARROSO, Maria Helenice. **Os cordelistas no D.F.:** dedilhando a viola, contando a história. Dissertação de Mestrado pela Universidade de Brasília – UnB, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Introdução.** Brasília: MEC/SEF. 2001.

EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, Helena N. (Org.) **Gêneros do discurso na escola:** mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE M.L.C.V.O; AQUINO Z.G.O. **Oralidade e escrita:** perspectivas para o ensino de língua materna. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FIORINDO, Priscila Peixinho. **Abordagens do texto literário para a formação do leitor crítico.** Revista Língua Portuguesa: conhecimento prático. n. 36, maio 2012: 28-33 ISSN 1984-3682.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LINHARES, Thelma Regina S. **Reflexões.** Disponível em: <http://www.camarabrasileira.com/cordel90.htm>. Acesso em: 03/01/2017.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação.** Tradução de Jaime A. Clasen. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p.

_____. Hesitação. In: JUBRAN C.; KOCH, I. (Org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 48-86.

_____. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: cortez, 2007.

_____. **Oralidade e Escrita.** Goiás: Signótica, 1997

MORICONI, Lucimara Valdambrini. **Pertencimento e identidade** – Campinas, SP: [s.n.], 2014.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas, ed. Papirus, 1998.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo, ed. Ática, 1988.

SÁ, Lais Mourão. Pertencimento. In **ENCONTROS e caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Coautoria de Luiz Antonio Ferraro Junior. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2005, p. 245 - 256.

SOUZA, Mauro Wilton de. **O pertencimento ao comum mediático**: a identidade em tempos de transição. ECA – USP, 2010, nº34.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de Cordel no Brasil: os folhetos e a função circunstancial**. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. 2008.

Mestranda em Letras pelo programa do Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V, Santo Antônio de Jesus – BA. E-mail: narassilva1@gmail.com